

O SUTRA DO CORAÇÃO DA SABEDORIA *THE HEART-SUTRA*

Fabricio Possebon (UFPB)

Abstract: Introduction and translation of the Heart-sutra, with commentaries. The small text presents some important aspects of the Buddhist school called Mahayana: the void and the charm.

Keywords: Sanskrit literature, Buddhism, Heart-sutra.

Resumo: Apresentação e tradução do Sermão do coração, com comentários. O texto é tido como modelar, pois com poucas palavras sintetiza os aspectos mais importantes da escola budista chamada mahayana: o vazio e o encantamento.

Palavras-Chave: Literatura sânscrita, Budismo, Sutra do coração

Introdução

A ocupação do vale do Indo pelos povos indo-europeus fez desaparecer temporariamente uma tradição cultural autóctone da Índia, segundo uma dada interpretação histórica (Thapar). Assim, os mais antigos registros conhecidos, ou seja, o hinário dos Vedas, apresentam uma visão de mundo, nos moldes indo-europeus tal como encontramos também entre os gregos e os romanos, com deuses principais e secundários, com mitos de criação, com cerimônias propiciatórias e ritos de devoção. Uma pequena parcela dos hinos, todavia, já nos surpreende pelo afastamento aos paradigmas esperados.

O período posterior vai aprofundar a distância, fazendo reaparecer a cultura supostamente autóctone dos povos dravídicos. Na literatura das Upanixades vamos encontrar uma filosofia original, em que técnicas psico-físicas são empregadas, como o yoga (Eliade). Radicalmente opondo-se ao mundo dos Vedas, inúmeras seitas vão surgir, sendo o Budismo uma das mais frutíferas. Há que ter presente, portanto, naquilo que se lerá na seqüência, a introdução de novos paradigmas de concepção do mundo.

Daremos, em linhas gerais, uma brevíssima apresentação das idéias do Budismo; depois alguns apontamentos para melhor compreensão do texto, o original sânscrito e a nossa tradução. Em suma, é um convite ao original que estamos propondo aqui.

Não há, no Budismo, a idéia de um *ego* individual, próprio de cada um, sobrevivente à morte. O que anima cada indivíduo nada mais é do que o reflexo da *Consciência Universal*, normalmente denominada o

vazio (**śūnyatā**). A constituição desse aparente *ego* se dá do seguinte modo: surge inicialmente a ignorância¹ (**avidyā**), e essa leva o homem a imaginar-se estável e permanente, mas sua estabilidade é ilusória, pois todos os elementos de sua constituição são também instáveis: a forma material ou substancial (**rūpa**), a sensação (**vedanā**), a percepção (**saṃjñā**), a intenção (**saṃskāra**) e a consciência (**viññāna**). Do apego ao que não se pode manter como seu, nasce o sofrimento (**duḥkha**). A libertação do sofrimento se fará por meio do conhecimento dessas verdades. Pela meditação, o homem atinge o coração (essência) dessa sabedoria (**prajñāpāramitā-hṛdaya**), tornando-se desperto, iluminado (**buddha**). Esse estado de beatitude chama-se nirvana (**nirvāṇa**) e o suposto *ego*, neste momento, reintegra-se ao *vazio*, livrando-se definitivamente do sofrimento. Portanto, o caminho proposto pelo Buda para se atingir a *libertação*, ou *a outra margem* (**pāra**), é a meditação² individual, sem o recurso de *fórmulas mágicas de encantamento* (**mantra**), nem de *mestres* (**guru**) ou práticas ascéticas, como o *yoga*. Esse Budismo primitivo, dito *hinayana* (pequeno veículo), passará posteriormente a aceitar muitos elementos da religiosidade popular, tornando-se acessível também aos leigos. Entre as idéias desta nova escola, dita *mahayana* (grande veículo), estão as fórmulas mágicas e a importância conceitual do vazio. Ressalta-se também o valor da figura de um salvador (**bodhisattva**). Trata-se de um indivíduo que, tendo chegado às portas da iluminação, decide por vontade própria retornar para salvar os demais.

Notas ao texto

Propomos um sistema de numeração, inexistente no texto sânscrito original, para que o leitor possa melhor acompanhar as explicações. O texto é breve e denso, de fato, cada termo é por si mesmo um elemento filosoficamente importante. O que registramos entre colchetes na tradução não está no original, mas foi por nós acrescentado para maior clareza. Trata-se sempre do verbo de ligação (*ser* ou *haver*, no

¹ Eis o grande mistério: por que surge essa ignorância primordial? Certas questões metafísicas não interessavam ao Buda, pois sua solução não implicava na libertação do sofrimento. Por outro lado, todas as dúvidas se dissipariam quando o indivíduo atingisse a iluminação.

² O termo sânscrito para meditação é **dhyāna**, que transliterado ao japonês dá *zen*, pelo chinês *ch'an*. Daí o conhecido zen-budismo.

sentido de *existir*), usado nas línguas clássicas, sânscrito, grego e latim, de maneira sempre muito econômica, mas que na tradução parece indispensável.

No título, o vocábulo **prajñāpāramitā** é normalmente interpretado como o *atingir a outra margem da sabedoria*, e traduzido por *perfeição da sabedoria*. O primeiro parágrafo é uma saudação ou invocação ao Buda, por meio de um de seus inúmeros epítetos: **sarvajñā**, literalmente, *o que sabe todas as coisas*.

O segundo parágrafo nos informa a fonte desse ensinamento. Trata-se das constatações feitas por Avalokitesvara, um dos iluminados que, por piedade da precária condição humana, decide retornar ao convívio dos homens para salvá-los também. O termo sânscrito é **bodhisattva**, que traduzimos por *salvador*, pela falta de outro mais apropriado. Avalokitesvara ainda recebe o adjetivo **ārya**, *nobre* ou *honorável*. Esse é o termo com que se designavam os indo-europeus que chegaram à Índia, no segundo milênio a.C. No contexto budista, é menos o valor guerreiro original e mais o espiritual, podendo então ser interpretado como *santo*. Queremos notar ainda que no verbo **vyavalokayati**, terceira pessoa do singular, a raiz é *lok: observar, ver, olhar*. O paralelismo é exato com a raiz do inglês *look*.

O ensinamento propriamente dito começa no terceiro parágrafo. O homem é constituído de cinco *elementos*, **skandhās**, normalmente traduzidos como *agregados*. Tomando o primeiro deles como referência, ou seja, a *forma*, **rūpa**, insiste-se que todos eles não são outra coisa que o próprio *vazio*, **śūnyatā**. Assim, aquilo que parece uma diversidade é, de fato, uma unidade. Em outros termos, a consciência universal, ou o *vazio*, por força da misteriosa ignorância primordial, diversificou-se constituindo os indivíduos, mas que, em essência, são o próprio *vazio*. Os cinco agregados diferenciam-se, assim o primeiro é a *forma*, **rūpa**, ou seja, os fenômenos materiais; os três seguintes, *sensação, percepção e intenção*, respectivamente em sânscrito, **vedanā, saṃjñā, saṃskāra**, são fenômenos mentais e o último deles, *consciência*, **vijñānam**, é a essência da mente. O ensinamento é dirigido a Chariputra (ou Sariputra), um dos discípulos do Buda, e cabe ainda notar que o advérbio *aqui*, **iha**, é normalmente interpretado como *neste mundo*. Em síntese, no mundo em que vivemos, os elementos que parecem distinguir cada indivíduo são, de fato, o próprio *vazio*.

A partir do oitavo parágrafo, encontramos uma proposta para caracterizar o *vazio*. Não é fácil traduzir o termo **dharma** (Besant): *lei, uso, costume, virtude, direito, correção, o que está estabelecido*. É afirmado que todo o *dharma* é característica do *vazio*, que por sua vez não é gerado e nem limitado, ou seja, não tem começo nem fim, é sempre existente. Em seguida, alguns paradoxos são dados: é puro e impuro, é completo e incompleto, simultaneamente. O que almeja conseguir o paradoxo é desarmar o espírito lógico do discípulo, predispondo-o a penetrar no *vazio*, que, em essência, não pode ser compreendido por palavras. O máximo desenvolvimento da técnica do paradoxo será alcançado no budismo japonês, sendo conhecido como *koan*.³ O nono parágrafo repete os agregados, com novo paradoxo: se antes os agregados eram o próprio *vazio*, agora no *vazio* eles não estão presentes. A lista das coisas que também não estão no *vazio* é longa, ocupando o parágrafo décimo e o décimo-primeiro, com outros paradoxos. Conclui-se aqui que tudo o que conhecemos não está no *vazio*, o que justifica plenamente o vocábulo usado.

Os dois parágrafos seguintes apresentam dois verbos na terceira pessoa do singular, cujo restabelecimento do sujeito não é imediato. Trata-se de um *ele* que vai tranqüilo pelo mundo, em busca da *beatitude*, **nirvāṇa**, já tendo aprendido o profundo conceito do *vazio*. As traduções propõem um sujeito indeterminado ou um elemento indefinido como *a gente* ou *as pessoas*. Preferimos manter maior fidelidade ao original, deixando a dúvida ao leitor.

O décimo-quarto parágrafo afirma literalmente que todos os Budas, os quais já transitaram pelos *três tempos*, **tryadhva**, ou seja, o passado, o presente e o futuro, praticando este saber, atingiram a iluminação. Esses inúmeros Budas são de fato *bodhsattvas*.

Já concluindo o breve sermão, uma *fórmula mágica de encantamento*, **mantra**, é dada. A forma gramatical do gerundivo mostra que o encantamento *deve ser conhecido*, **jñātavyam**, para que se realize a apreensão da *sabedoria*, **prajñāpāramitā**, ou, como já comentamos, para se *atingir a outra margem*. Há uma maneira correta de pronunciar o *mantra*, sob pena de efeitos indesejáveis ou mesmo maléficis. Nenhum registro escrito consegue ensinar sua pronúncia, que deve ser aprendida de viva voz com um mestre, *guru*. Vê-se aqui que o caminho da auto-

³ Exemplo muito citado é este: “Quando batemos com uma mão de encontro à outra ouvimos um som. Qual é o som produzido por uma só?” (Suzuki, p. 37).

realização, proposto originalmente pelo Buda, em oposição à dependência para com a classe sacerdotal dos brâmanes, já não se verifica. O indivíduo não consegue cuidar sozinho de sua própria salvação, pois depende novamente de um mestre. O *mantra*⁴ é mais um elemento do mundo védico que é incorporado ao Budismo e aqui parece ser mais um recurso indispensável do que um complemento à iluminação.

Em suma, o breve sermão propõe ao discípulo o caminho da iluminação, que o libertará de toda *dor*, **duḥkha**: inicialmente conhecendo a grande verdade, revelada por uma autoridade que já atingiu a iluminação, sobre o *vazio*, cuja realidade não pode ser descrita por uma lógica aristotélica⁵, mas trata-se basicamente de uma vivência, obtida basicamente pela prática da meditação. O paradoxo auxilia na preparação mental do discípulo. O segundo caminho apresentado é a fórmula mágica de encantamento, que deve ser aprendida e entoada de maneira correta.

O original sânscrito e a tradução

Há inúmeras fontes desta que é conhecida como a versão curta do Sermão do coração: manuscritos nepaleses, chineses e japoneses. O texto que abaixo apresentamos foi estabelecido por Nakamura Hajime (IKEDA, p. 24-25), com poucas alterações feitas por nós, com base no texto de Edward Conze (CONZE, p. 149-154).

Nossa tradução pretendeu ser a mais literal possível, pois nossa intenção é aproximar o leitor ao original sânscrito, convidando-o ao estudo. Tivemos presente duas outras traduções: a de Ikeda e a de Ricardo M. Gonçalves, professor de filosofia da USP. Recomendamos particularmente a obra do prof. Gonçalves como um guia seguro para

⁴ Conhecido por todos os povos arcaicos, tem seu equivalente entre os romanos com o vocábulo *carmen*, no plural *carmina*. Entre os gregos é *ode* (canto) ou mais precisamente *epode* (encanto). Recordar a passagem da *Odisséia*, XIX, 455 e seg., em que Ulisses é curado do sangramento, provocado pelo ataque de um javali, *com um encanto*, e)paoid\$=.

⁵ “Há na lógica um laço fundamental de esforço e dor. A lógica é autoconsciente. Da mesma forma a ética, que é uma aplicação da lógica aos fatos da vida. Um homem ético executa ações de serviço que são elogiáveis, e está sempre cômico delas, e em muitos casos esperando uma recompensa futura. Daí dizemos que sua mente é manchada e impura, apesar do que de bom, objetiva e socialmente, os seus atos produzem. O Zen abomina isso. A vida é uma arte, e como uma arte perfeita tem de esquecer a si própria, não pode haver qualquer traço de esforço ou sensação dolorosa” (Suzuki, p. 86-87).

quem quer iniciar-se no Budismo. Uma interessante bibliografia em português encontra-se no final de seu volume.

Todas as palavras sânscritas foram pesquisadas no dicionário de Monier-Williams ou no vocabulário de Charles Lanman.

prajñāpāramitā-hṛdaya-sūtra

1. namas sarvajñāya. 2. ārya-avalokiteśvaro bodhisattvo gaṃbhīrāṃ prajñāpāramitācaryaṃ caramāṇo vyavalokayati sma: 3. pañca skandhās, tāṃś ca svabhāva-sūnyān paśyati sma.
4. iha śāriputra rūpaṃ sūnyatā, sūnyataiva rūpaṃ.
5. rūpān na pṛthak sūnyatāyā na pṛthag rūpaṃ.
6. yad rūpaṃ sā sūnyatā, yā sūnyatā tad rūpaṃ.
7. evam eva vedanā-saṃjñā-saṃskāra-vijñānam.
8. iha śāriputra sarva-dharmāḥ sūnyatā-lakṣaṇa anutpannā aniruddhā amalā avimalā anūnā aparipūrṇaḥ.
9. tasmāc chāriputra sūnyatāyāṃ na rūpaṃ na vedanā na saṃjñā na saṃskārāḥ na vijñānaṃ.
10. na cakṣuḥ-śrotra-ghrāṇa-jihvā-kāya-manāṃsi, na rupa-śa bda-gandha-rasa-spraṣṭavya-dharmāḥ, na cakṣur-dhātur yāva n na mano-vijñāna-dhātuḥ.
11. na vidyā na avidyā na vidyākṣyo na avidyākṣayo yāvan na jarāmaraṇaṃ na jarāmarāṇakṣayo na duḥkha-samudaya-nirodha-mārga, na jñānaṃ na prāptiḥ.
12. tasmād aprāptitvād bodhisattvānāṃ prajñāpāramitām āśritya viharaty a-cittāvaraṇaḥ.
13. cittāvaraṇa-nāstitvād atrasto viparyāsa-atikrānto

niṣṭha-nirvāṇam prāpnoti.

14. tryadhva-vyavasthitāḥ sarva-buddhāḥ

prajñāpāramitām āśritya-anuttaraṃ samyaksambodhiṃ

abhisambuddhāḥ.

15. tasmā jñātavyaṃ prajñāpāramitā-mahā-mantro mahā-vi
dyā-mantro 'nuttara-mantro 'samāsama-mantraḥ, sarva-duḥk
ha-praḍamaṇaḥ.

16. satyam amithyatvāt prajñāpāramitāyām ukto

mantraḥ, tad yathā:

17. gate gate pāragate pāra-saṃgate bodhi svāhā.

18. iti prajñāpāramitā-hṛdayaṃ samāptam.

O Sermão do Coração da Sabedoria

1. Glória ao Todo-sábio. 2. O nobre salvador Avalokitesvara, a profunda sabedoria praticando, observou: 3. [há] cinco elementos, e estes considerou naturais vazios. 4. Aqui, ó Chariputra, a forma [é] o vazio, como o vazio [é] a forma. 5. Da forma não [é] separado o vazio, do vazio não [é] separada a forma. 6. O qual [é] a forma, este [é] o vazio; a qual [é] o vazio, esta [é] a forma. 7. Exatamente assim [são] a sensação, a percepção, a intenção e a consciência. 8. Aqui, ó Chariputra, todos os usos [são] a marca do vazio, incriado, não-obstruído, puro, impuro, completo, incompleto. 9. Daí, ó Chariputra, no vazio não [há] forma, nem sensação, nem percepção, nem intenção, nem consciência; 10. nem olho, ouvido, nariz, língua, corpo, mentes; nem forma, som, olfato, sabor, tato, usos; nem propriedade visual, nem mesmo propriedade do saber mental;

11. nem conhecimento, nem ignorância, nem destruição do conhecimento, nem destruição da ignorância, nem mesmo cessação da velhice, nem destruição da cessação da velhice; nem caminho da supressão da causa do sofrimento; nem consciência, nem ganho.

12. Daí, nada recebendo, praticando a sabedoria dos salvadores, ele passeia, de pensamento descoberto; 13. intrépido pela inexistência do

pensamento coberto, vencedor da ilusão, a tranqüila beatitude busca. 14. Todos os iluminados, que percorreram os três tempos, praticando a sabedoria excelente, [são] versados na completa iluminação. 15. Daí, deve ser conhecido o grande encantamento da sabedoria, o encantamento do grande conhecimento, o excelente encantamento, desigual encantamento, que acalma todo o sofrimento; 16. o encantamento não-mentiroso que diz a verdade na sabedoria, então [é] assim:

17. “Ao atingir, ao atingir, ao atingir a outra margem, ao atingir mesmo a outra margem: iluminação. Assim seja”.

18. Eis o perfeito coração da sabedoria.

REFERÊNCIAS:

- BESANT, Annie (2005). *Dharma*. Três conferências pronunciadas na oitava reunião anual da Sociedade Teosófica, Seção Hindu, realizada em Varanasi (Benares) nos dias 25, 26 e 27 de outubro de 1898. Tradução de Hugo Mader. São Paulo: Pensamento.
- CONZE, Edward (2000). *Thirty Years of Buddhist Studies*. Munshirm Manoharlal.
- ELIADE, Mircea (2004). *Yoga: imortalidade e liberdade*. Tradução de Teresa de Barros Veloso. Transliteração sânscrita de Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena.
- GONÇALVES, Ricardo M. (org.) (2005). *Textos budistas e zen-budistas*. São Paulo: Cultrix.
- IKEDA, Hiroshi (org.). *Prajnaparamita hridaya sutro*. Osaka, Edição do organizador.
- LANMAN, Charles R (1920). *A Sanskrit Reader*. Harvard: Harvard University Press.
- MONIER-WILLIAMS, Monier (1997). *A Sanskrit-English Dictionary*. Delhi: Motilal Banarsidass.
- SUZUKI, Daisetz Teitaro (2005). *Introdução ao zen-budismo*. Organizado por Christmas Humphreys e prefácio de Carl Gustav Jung. Tradução de Murillo Nunes de Azevedo. São Paulo: Pensamento.
- THAPAR, Romila (2002). *Early India. From the Origins to AD 1300*. London: Penguin Books.